

# O teatro não acaba nunca

No Porto, uma escola e companhia teatral conquista, finalmente, um palácio. Em Lisboa, um espetáculo faz-se durante 48 horas, dentro de um carro, num armazém em ruínas. Não há limites para o teatro, que esta sexta-feira, 27, celebra o seu dia



LUCILIA MONTEIRO

## 'A escola mais bonita do mundo'

O cerimonial repetiu-se com seis ministros da Cultura. De passagem pelo Porto, prestavam-se a visitar o Palácio do Bolhão e a ouvir os planos de recuperação do edifício. As reuniões decorriam sempre na mesma sala, lugar exemplar das artes decorativas do séc. XIX, com as pinturas, talhas, estuques, painéis de seda e madeiras trabalhadas a suplicar por melhor sorte. «Era a sala das promessas», recorda António Capelo, diretor da Academia Contemporânea do Espetáculo (ACE)/Teatro do Bolhão. «Poucos meses depois, os ministros deixavam o cargo.» A maldição que perseguiu os antigos proprietários do palácio parecia não querer abandonar o espaço. Capelo é mais pragmático: «Este calvário para arranjar financiamento conta a história de um projeto de cultura e de educação em Portugal.»

Serenados os fantasmas, amanhã, 27, Dia Mundial do Teatro, será finalmente revelado ao público o trabalho exaustivo, feito entre 2006 e 2015, de reconversão do palácio. Aos apoios do Estado, União Europeia e autarquia (num total de dois milhões e 800 mil euros), acresceram €200 mil por via do mecenato. «Identificámos seis salas para restaurar e arranjámos um mecenato para cada uma [a sala de jantar aguarda ainda respostas]», conta António Capelo. Não foi fácil encontrar reencarnações da figura do Conde do Bolhão, António de Sousa Guimarães, ▶



## Construir o silêncio

Nem sempre tem que ser num teatro, isto do teatro. Pode não ser preciso um palco ou um cenário ou sequer cadeiras numa plateia. É precisamente ao teatro que vamos neste armazém em ruínas, antiga Abel Pereira da Fonseca, no Poço do Bispo, em Lisboa. Entramos lá dentro, para depois entrarmos também dentro de um velho Fiat Panda. Ali veremos *Silêncio*, encaixados no banco de trás deste modelo *Country Club*, que mais não andarás do que os poucos metros que nos levam ao fim desta divisão e ao início de outra, onde se acumulam escombros. Ao som distorcido da voz de Sinatra em *My Way*, o ator Miguel Rebelo há de vir abrir o vidro do carro e, depois de o destravar, empurrá-lo sem pressa connosco lá dentro. Assim começará esta peça de dois atores que os Umcoletivo vão apresentar, durante 48 horas, em sessões de três horas, para dois espectadores de cada vez. Das 21h, desta sexta-feira, 27, às 21h de domingo, 29, haverá teatro ali.

### Do corpo como veículo

«Teatro não é o espaço físico, isso é uma convenção. Às vezes vamos ao 'teatro' e não acontece nada», afirma Cátia Terrinca, 24 anos, a outra atriz de *Silêncio*, e fundadora dos Umcoletivo, juntamente com o encenador Ricardo Boléo, 30. «Que espaços podemos escolher para erguer um lugar?» tem sido uma ▶

## Construir o silêncio

► das questões levantadas por este Umcoletivo, nascido há pouco mais de dois anos. Depois de, a 25 de dezembro, terem estreado *Cântico* nas cabinas de *peep-show* do Animatógrafo do Rossio, trabalham agora o texto *Silêncio para 4*, de Rúben A., sobre o amor em ruínas entre uma mulher e um homem, neste armazém, também ele em ruínas. O texto há de ser dito pelos atores de viva voz, mas também havemos de o ouvir numa gravação, como se, dentro de um carro, regressássemos ao teatro radiofónico. «O silêncio, mais do que ausência, é o encontro de vozes, um som maior, algo que temos que construir», sublinha Cátia Terrinca. E qual é o silêncio possível neste espaço tão gasto onde se apresenta esta peça de teatro? «O silêncio é também o ato de nos silenciarmos, uma viagem pelo tempo e não pelo espaço. E também por isso dizemos 'ofereço-te estas minhas 48 horas, oferece-me três horas das tuas'», continua a atriz.

As diferenças entra a primeira e a última apresentação não

sabemos ainda quais serão, mas adivinhamos que, no mínimo, a hora do dia, o cansaço dos atores e a sua relação com o texto as ditarão. Pelo menos durante três horas, podemos ser testemunhas desse processo – e nele participar, como sempre participam os espectadores numa peça de teatro. «O teatro vive desse jogo também», notam Cátia e Ricardo, que aqui quiseram criar uma relação de dois para dois.

«Acabaram-se as voltas», dirá a mulher deste *Silêncio*. Havemos de a ouvir, num



TIAGO MIRANDA

*‘Que espaços podemos escolher para erguer um lugar?’ tem sido uma das questões levantadas por este Umcoletivo, nascido há cerca de dois anos*

altifalante, enquanto os dois caminham lentamente em direção ao «nosso» carro, por cima do entulho de tijolos e madeiras. E se no amor tudo é possível, isso é verdade também no teatro. Refere Ricardo Boléo: «Existe cada vez menos criatividade na forma como nos relacionamos uns com os outros e no teatro podemos ter esse espaço, essa bondade e benevolência. O teatro é uma zona de não julgamento.» Cátia Terrinca concorda: «O teatro é das coisas que tem percorrido a Humanidade. Existe há tanto tempo, e não é pão nem água mas continuamos a precisar dele.» Talvez por isso os Umcoletivo o queiram levar aos limites. «A minha pesquisa é a de como conseguir cumprir o corpo que tenho. É como ter um carro que dá 200 e andar a 10 à hora. O corpo é como um veículo que deve ser testado na sua plenitude – mesmo que não todos os dias», defende a atriz.

Da noite de sexta até à noite de domingo, é esta a proposta que fazem aos espectadores. Sem lógicas comerciais, sem «públicos-alvo» ou «planos de comunicação», querem fazer teatro. E nós, dentro deste Fiat Panda que poderá não resistir ao embate, havemos de chegar ao fim e perceber o que é isto de *ir ao teatro*. ▣ GABRIELA LOURENÇO